

Tempo(ralidades) – Henrique Silva, Augusto Canedo e Ricardo Gritto

We shall not cease from exploration,
and the end of all our exploring
will be to arrive where we started
and know the place for the first time.

T. S. Eliot

O artista (Henrique Silva) disse-me: “Estava no meu atelier e vi chegar um miúdo, filho de um amigo, também artista. E ele (Ricardo Gritto) propôs-me fazer uma exposição que desse conta disso – das gerações que nos separam, mas da arte que nos une.” A meio, chegou o Augusto Canedo, que também faz parte dos afetos, e dos percursos, de Henrique Silva e de Ricardo Gritto, e que tornou possível essa experiência intergeracional.

O que encontramos em comum nesses três artistas, separados por gerações, com caminhos plásticos diversos? Antes de mais, a consciência do tempo que emana dos seus trabalhos. O desejo do amanhã é presença sempiterna na obra de Henrique Silva; o *flirt* com o passado, numa reinterpretação constante de técnicas, que faz a ponte entre a academia e a sua desconstrução, é um traço característico da pintura de Augusto Canedo – e a emergência do hoje, torna-se manifesta(o) na obra de Ricardo Gritto. O tempo da arte em cada um dos percursos. O tempo da descoberta e da experimentação que nutre cada um desses artistas. As imagens veladas e reveladas num jogo profícuo com as formas, as cores, as técnicas e os materiais. Três gerações de artistas que, através das suas obras, ousaram olhar para o tempo e decidiram reconfigurá-lo.

Henrique Silva é um artista multifacetado e inquieto. Talvez a inquietude seja o seu traço mais característico. Sempre em movimento, sempre à procura. Nunca satisfeito com o que conseguiu fazer, acreditando que pode fazer sempre mais e melhor, que pode, e deve, experimentar formatos, ferramentas, suportes. É, essencialmente, um pintor. Mas um pintor de telas múltiplas, de imagens tridimensionais e mesmo digitais (foi um dos precursores da *New Media Art* em Portugal). A sua arte é política, porque é construída com base em resistências, na criação de espaços e de caminhos que desbravou.

Augusto Canedo talvez seja, dos três, aquele que mais se identifica como pintor. As suas obras, no entanto, são compostas de camadas diferentes de significação. Há um lado que parece assumir, e assentar, numa base académica, que reflete o domínio da técnica e a precisão dos traços. No entanto, sob a aparente aceitação da regra, o artista desmonta o cânone, experimenta, reinventa maneiras de pintar.

Ricardo Gritto, o mais jovem dos três, une a inquietude do primeiro com a ideia do segundo de fazer obras submersas noutras obras. Obras que emanam de referências, de imagens que o impressionaram, obras que se entrecruzam, quase em *loop*, e que se querem contemporâneas. Não porque sejam feitas hoje, mas porque, como disse Agamben, contemporâneo é aquele que está fora do tempo, a olhar para o tempo que se arrasta e se dilui.

As obras destes três artistas nasceram longe do centro do país, nasceram pela necessidade de criar novos centros, de arrastar as margens para outros lados, de afirmar a presença da Arte através de cada gesto de criação.

Mirian Tavares